

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR DE VIVÊNCIA EM ASSENTAMENTOS RURAIS PARA OS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNESP - ILHA SOLTEIRA (SP).

Douglas de Araujo Gonzaga¹
Antonio Lázaro Sant'Ana²
Flaviana Cavalcanti da Silva³
Tomás Augusto Alvarenga¹

Resumo

O Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) em Assentamentos Rurais é uma iniciativa da FEAB –Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil com o objetivo de complementar a formação profissional e, ao mesmo tempo, quebrar rótulos e preconceitos em relação à população assentada. O EIV é dividido em três etapas, sendo que a primeira se consiste na preparação os jovens estágios para o que possivelmente irão encontrar no seio das famílias que acolhem os estagiários. Na segunda parte, são encaminhados para as famílias, onde cada estudante vivencia na prática o dia a dia do agricultor, suas dificuldades, seus afazeres e sua vida em comunidade. Para os estudantes das áreas de agrárias é uma oportunidade de conhecerem melhor o homem do campo e ter uma visão mais adequada de como proceder durante a resolução de problemas que podem encontrar no exercício da profissão. Na fase seguinte, que é a avaliação, todos os estudantes ao retornar dos assentamentos, relatam as experiências vividas durante o tempo em que estiveram com as famílias, o que mudou para eles no sentido de compreensão da agricultura familiar e discutem a forma como devem lidar com esse público enquanto futuros profissionais. O presente trabalho consiste na avaliação da possível contribuição que o EIV em Assentamentos Rurais proporciona aos participantes, a partir da visão dos estudantes dos cursos de agronomia e zootecnia da Unesp de Ilha Solteira que fizeram o estágio. O método de investigação consistiu em entrevistas individuais e em pequenos grupos, utilizando um roteiro de questões, envolvendo cada uma das fases do estágio. A avaliação geral dos participantes é foi uma experiência importante para a sua formação acadêmica e que provavelmente refletirá na vida profissional.

INTRODUÇÃO

Em meados de 1960 as grades curriculares de todas as faculdades que ministram os cursos referentes às ciências agrárias foram modificadas de tal maneira que conduziram a formação de profissionais com ênfase tecnicista em prejuízo de uma formação mais humanista, sendo este fato, correspondente às necessidades da propagação da revolução verde que no Brasil assumiu o caráter de modernização agrícola conservadora que visava divulgar os pacotes tecnológicos, baseados na mecanização agrícola, uso de sementes melhoradas e insumos químicos (fertilizantes e agrotóxicos).

A difusão em escala mundial da chamada Revolução Verde ocorreu com o discurso da necessidade de novas tecnologias para o aumento da produção de alimentos e diminuição na fome mundial. Esse processo, de acordo com Caporal (2003), na agricultura disseminou uma série de tecnologias altamente dependentes de petróleo, que não respeitavam os ciclos biológicos, nem os saberes e culturas das populações envolvidas. Dentre as principais conseqüências acarretadas com a adoção deste modelo de produção na agricultura, destacam-se a intensificação do êxodo rural, a concentração de terras e a diminuição da qualidade de vida daqueles que permaneciam no campo, seja pela alta exposição a agrotóxicos ou pela diminuição da qualidade alimentar.

Desde a década de 70, os estudantes das Ciências Agrárias, e dentre estes os da Agronomia, começaram a sentir a necessidade de desenvolver esforços para, de outra maneira, entender criticamente o modelo de desenvolvimento agropecuário que estava sendo implantado no país, buscando analisar suas conseqüências e, por outro, melhorar a qualidade do ensino da Agronomia, aproximando-o mais da realidade, demandas e necessidades da maioria dos trabalhadores e produtores familiares rurais, colocados à margem daquele modelo.

Nesse contexto, surgiram na FEAB (Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil), alguns projetos pioneiros que buscavam aproximar o estudante universitário da realidade econômica, social, política e cultural do campo: os Estágios de Vivência.

O primeiro estágio de vivência aconteceu entre dezembro de 1988 a janeiro de 1989, em Dourados (MS), em conjunto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

(MST), e com participação dos estudantes de agronomia da Regional IV da FEAB (Região Centro-Oeste). Após avaliações e debates, concretizou-se finalmente, em janeiro de 1992, o primeiro projeto em âmbito nacional, realizado em assentamentos rurais do estado de Santa Catarina, sob coordenação do Núcleo de Trabalho Permanente de Movimentos Sociais (NTP/MS) da FEAB. A partir dessa experiência, evidenciou-se a necessidade de que o estágio assumisse um caráter interdisciplinar.

Desde então, os Estágios de Vivência se multiplicaram por todo o país. Assumiram caráter local ou regional, e, em sua maioria, interdisciplinar e sendo construídos não só pela FEAB, mas por várias outras Executivas e Federações de curso, Diretórios Centrais dos Estudantes e Centros e Diretórios Acadêmicos. Muitos grupos de Extensão se formaram a partir da experiência dos Estágios de Vivência, desenvolvendo trabalhos de longo prazo em conjunto com os assentamentos e comunidades rurais. Cabe ainda lembrar, finalmente, que a proposta do Estágio de Vivência da FEAB foi premiada pela UNESCO em 1992, como iniciativa de destaque da juventude Latino-americana.

Todas essas propostas e experiências elaboradas e reelaboradas pelos diversos grupos responsáveis pelos Estágios Interdisciplinares de Vivência originaram uma importante reflexão crítica sobre os objetivos da Universidade, buscando valorizar o diálogo com a sociedade, repensando as condições de intervenção sobre a realidade do campo. Ao longo das discussões travadas, foi se reconhecendo como ponto central a superar, a lacuna Universidade/Sociedade, em especial o caráter acadêmico, tecnicista e segmentado do conhecimento produzido nas instituições universitárias brasileiras (PETERSEN, 1999).

De modo geral, nas edições dos mais diversos EIV's os estudantes sempre são incentivados a:

- a) Aprender, observar, conhecer e participar da realidade do assentamento/comunidade;
- b) Conhecer a complexidade da realidade e a diversidade de manejo de cada propriedade;
- c) Valorizar a troca de informações e experiências, em plano coletivo e interdisciplinar;
- d) Confrontar seus conhecimentos teóricos com a realidade das Comunidades e/ou Assentamentos, gerando uma discussão no período de avaliação do próprio EIV e na

universidade, ao seu retornar.

A partir da vivência da realidade cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e buscando entendê-la, os estagiários e as estagiárias são chamados a analisar o contexto da história dos Movimentos Populares do Campo, tendo como moldura o processo de “modernização” da agricultura brasileira, como forma de criar alternativas sustentáveis (do ponto de vista econômico, social, cultural e ambiental) para a agricultura em todo o território nacional. (CARDOSO, SILVA e SANTOS, 2010)

Com o objetivo de ter acesso a tal experiência e em busca de um novo olhar profissional, alguns estudantes da FEIS – UNESP (Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira – SP) participaram de diferentes estágios de vivência em diversos anos, sendo os principais promovidos pelo Grupo de Extensão Chico Mendes – FCA (Faculdade de Ciências Agrônomicas – *Campus* Botucatu) UNESP e da Universidade de São Paulo, *Campus* Ribeirão Preto. O presente trabalho tem como objetivo avaliar qual a importância e a possível contribuição que o EIV em Assentamentos Rurais proporciona aos participantes, a partir da visão dos estudantes dos cursos de agronomia e zootecnia da UNESP de Ilha Solteira que fizeram o estágio.

METODOLOGIA

Foram entrevistados quatro alunos que realizaram o estágio de vivência em diferentes anos, sendo que três dos quatro o fizeram na Faculdade de Ciências Agrônomicas – FCA (UNESP- campus Botucatu), estágio este promovido pelo Grupo de Extensão – Chico Mendes; e o outro aluno participou do 1º EIV – São Paulo, realizado em acampamentos e assentamentos do MST na região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, sendo que a proposta pedagógica e metodológica de ambos têm como pressuposto o conhecimento da realidade.

Os questionários constituíram em perguntas abertas que abordavam de maneira ampla os seguintes temas: a fase de preparação dos estagiários, a vivência no assentamento propriamente dita, a relação dos estagiários com a família e com a comunidade rural, como os agricultores percebem o EIV, a relação entre agricultores e os profissionais que promovem a extensão rural nas respectivas áreas, o papel do EIV como agente de agregação na formação

do profissional de ciências agrárias e os possíveis pontos positivos ou negativos que a vivência proporcionou aos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das entrevistas podemos levantar inúmeros pontos para a discussão, inicialmente cabe destacar que todos os estudantes tiveram o desejo de participar de tal projeto devido aos vários depoimentos ouvidos por eles por pessoas que já haviam participado dessa experiência e pela ânsia de adentrar ao cotidiano do pequeno agricultor, seu modo de produção, seu estilo de vida, sua forma de comercializar sua produção, em suma ter uma idéia de como vive e se relaciona o homem do campo em pequenas propriedades e em especial os agricultores assentados pela reforma agrária. Todos também tiveram conhecimento do estágio por vários meios de comunicação, sendo eles, cartazes fixados na universidade, divulgação na *web* e por meio do Grupo de Extensão Guatambu da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira.

Na primeira fase, nos diferentes locais, foram realizadas atividades/discussões que abordavam os seguintes temas: Ideologia e Hegemonia; Noções de Economia Política; América Latina; Juventude, Cultura e Valores; Gênero e Sexualidade; Questão Agrária; Questão Energética; Ética Militante; Organização Popular; Instrumentos de Luta; Educação e Capitalismo; Extensão; Movimento Estudantil; Agroecologia; todas essas atividades realizadas durante essa fase foram coordenadas por estudantes da faculdade membros dos grupos de extensão, alguns membros da FEAB e ABEEF sem deixar de mencionar a participação de outros ex-participantes.

Os participantes entrevistados relataram que as atividades transcorreram de forma dinâmica e interativa o que possibilitou o aprendizado de forma fácil, sem a monotonia habitual que paira nos meios atuais de ensino superior, em que as relações aluno e professor se resumem em aulas expositivas cansativas. Entretanto, algumas atividades ou *espaços* (como são denominados pelos coordenadores) foram prejudicados devido a atrasos e ou a falta dos responsáveis pelos mesmos.

Durante a fase de vivência ou segunda fase os alunos apontaram, através do questionário, que os agricultores se empenharam muito empenho para situá-los nas

atividades cotidianas e nos afazeres domésticos, sendo estes uns dos fatores principais que os fizeram reverem conceitos e entender atitudes dos agricultores, perante aos problemas que enfrentam nas áreas agrícolas e como resolver estes problemas que porventura possam ocorrer. O trabalho rural em família foi fortemente ressaltado como fator que gera laços tanto familiares, como em relação à comunidade rural, reforça relações de troca de serviços e produtos, favorece a comercialização e os meios de distribuição para as demais comunidades do entorno dos assentamentos rurais.

Nenhum dos estudantes entrevistados enfrentou dificuldades para se relacionar com a família ou com os demais agricultores vizinhos, que hora ou outra estavam na área para prestar serviços ou auxiliar em tarefas corriqueiras do dia-a-dia, sendo que estas eram dívidas conforme a capacidade e afinidade de cada um dos membros da família, este fato pode ser observado nas diferentes casas em que eles se mantiveram alojados.

O cotidiano com a família e os demais agricultores possibilitou que todos os estudantes vivessem na prática as dificuldades que se têm quando há a escassez de capital para investir na terra e as possíveis alternativas encontradas por eles e os profissionais que os auxiliam no lida do campo.

A não intervenção nas questões internas da família ou do casal, que é uma recomendação muito enfatizada na fase inicial do estágio, não foi seguida na prática por alguns, embora declarassem terem sido sutis. Já outros acreditam que o simples fato de estarem ali entre os agricultores já é uma intervenção, todos se adotaram uma postura neutra perante as indagações dos produtores em relação às técnicas que eles empregavam na área ou ainda como deveriam realizar certos procedimentos agrícolas ou até mesmo diante as questões que envolvem o rumo da família, nenhum apontou ter vivido nenhum problema durante a vivência, seja por não intervir ou na relação com os integrantes das famílias que os acolheu.

Muitas famílias demonstraram que detém pouco amparo técnico, e que esse pouco muitas vezes não supre as necessidades que possuem. Este fato contribui para que os alunos durante o estágio revissem o papel do profissional extensionista e levantassem maneiras de abordarem e se relacionarem de forma mais amistosa com esse público e o que poderá resultar em melhor desempenho, quanto forem assumir tais papéis durante seu exercício profissional.

Em relação à forma de ver e agir, todos os estudantes consideraram que após participar do EIV se tornaram mais críticos em relação a formação profissional que vem sendo construída na universidade e com uma visão mais ampla sobre a agricultura familiar e os movimentos sociais, em especial ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que é alvo de severas críticas e preconceitos dos estudantes em geral pela falta de informação de como o mesmo se organiza ou até mesmo pela grande influência que a mídia impõe a todos, marginalizando a grande maioria dos militantes do MST.

Santana et al (2009) faz um relato do estágio vivido por ela em seu artigo e aponta ter vivido dificuldades logo no início, devido a resistência de alguns dos agricultores por receber e alojar uma pessoa desconhecida em suas casas e ainda inseri-la nos afazeres diários, porém após longos diálogos a situação se reverteu devido a maior compreensão dos integrantes da família em relação ao objetivo de sua estada ali ou, dizendo de outra maneira, quando entenderam o objetivo do EIV. A autora menciona também que o maior aprendizado foi obtido ao término do estágio, quando pode perceber o quão importante foi esse período para sua vida pessoal e profissional, ao ter conhecido a organização do assentamento, o dia a dia da família, a produção agrícola, a produção artesanal de farinha e derivados e a cultura do local.

Relata também que a partir dessa vivência conseguiu ampliar a dimensão de análise social, cultural e política que envolve as comunidades rurais, remetendo a compreensão mais sólida sobre as relações presentes nestas localidades, o que contribuiu positivamente em sua formação como estudante de ciências agrárias (SANTANA et al., 2009).

Outro fator que não pode deixar de se levado em conta é a proximidade que o EIV promove entre os estudantes participantes e os movimentos sociais, o que gera uma releitura da realidade dos agricultores familiares e dos assentados da reforma agrária, sendo que isso gera melhores subsídios para compreender as defasagens da universidade brasileira em relação à realidade social do país, podendo melhor contribuir com sua mudança. (MENGEL et al, 2009)

CONCLUSÕES

Em suma os estudantes se apresentaram satisfeitos com tal experiência que gerou um

novo olhar para os assentamentos rurais e para a agricultura familiar brasileira. De certa forma os estágios de vivência possibilitam em alguns casos uma complementação da grade curricular dos cursos de agronomia medicina veterinária, zootecnia e outros cursos, mas frequentemente descortinam ou reforçam uma nova visão sobre o meio rural e sobre o homem do campo que detêm poucos recursos e pouco espaço cultivar a terra e construir sua vida familiar. Muitas escolas de ciências agrárias já possuem o EIV como disciplina ou até mesmo como estágio obrigatório, o que favorece ainda mais a formação profissional e pessoal dos diversos alunos.

Além de ferramenta complementar à formação, podemos afirmar que os EIV's de certa forma ampliam os horizontes dos seus participantes fazendo com os mesmos repensem as formas de produção da agricultura e como se portarem diante da população que mais necessita de seu trabalho, os agricultores familiares que muitas vezes não são compreendidos e muito menos auxiliados por profissionais que não possuem uma capacitação para trabalhar com suas especificidades.

Outro fato que não pode ser deixado de lado é a quebra de preconceitos que os participantes demonstram após tal vivência, a maioria dos estudantes da FEIS – UNESP campus de Ilha Solteira apresentaram um novo olhar no que se diz respeito à luta pela terra e à militância dos movimentos sociais não só o MST, mas de outros, como o Movimento dos Atingidos por Barragens e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

Inúmeros foram os aspectos enriquecedores apontados, sendo que o mais importante que podemos citar é sensibilização desses alunos para a dimensão humana de seu trabalho. De modo geral estes alunos que vem de um sistema de ensino em que majoritariamente a formação profissional é reduzida ao aprendizado técnico, o que os faz pensar que seu papel é meramente reproduzir/repetir métodos, técnicas e conteúdos para os produtores rurais que são capazes de assimilar tais recomendações e que possuem recursos para implantá-las; sem levar em conta os valores sócio-culturais de uma comunidade rural/assentamento e sem atentar para as necessidades técnicas e econômicas dessas pessoas que muitas vezes são marginalizadas pela sociedade.

Podemos inferir que os participantes vinculados a FEIS – UNESP os conhecimentos e aspectos positivos relatados, possivelmente poderão refletir em suas vidas profissionais e pessoais.

A importância tais projetos para os alunos poderia justificar o engajamento de centros acadêmicos ou mesmo conselhos de curso para que a divulgação dos mesmos seja composta de esclarecimentos que motive uma maior participação dos universitários, não somente os estudantes das ciências agrárias, mas todos os que tenham relação direta com esse público, mantendo e reforçando o caráter interdisciplinar dos estágios e ampliando ainda mais as trocas de experiências e saberes entre os jovens participantes e as comunidades.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, F. R. **Superando a revolução verde: a transição agroecológica no RS.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v. 3, n. 3, p 70-85, 2002.

CARDOSO, A.; SILVA, J.; SANTOS, D. **Estágio Interdisciplinar de Vivência em Comunidades Rurais e Assentamentos da Reforma Agrária no Estado Da Paraíba.** Encontro de Extensão, 10. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/x_enex/ANAIS/Area8/8CCADSEROUT01.pdf. Acesso em: 13 abr. 2010.

MENGEL et al. Estágios interdisciplinares de vivência(eiv's): contribuição à mudança de paradigma na agricultura. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Resumos do V CBA, v.2, n. 2, p. 232 – 236, out. 2007. Disponível em: <http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.php/cadernos/article/viewFile/2809/2424>. Acesso em: 13 abr. 2010.

PETERSEN, P; ROMANO, J.O. **Abordagens participativas para o desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: AS-PTA/Actionaid-Brasil, 1999. 144p.

SANTANA et al. Estágio Interdisciplinar de Vivência: Uma Experiência de Residência Agrária no Assentamento Zumbi dos Palmares em Marí-PB. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Resumos do VI CBA e II CLAA, v.4, n. 2, p.3592 – 3595, 2009. Disponível

em:<<http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.php/cadernos/article/viewFile/4793/3547>>. Acesso: 13 abr. 2010.